



PRÉ-SAL SUDESTE

Suplemento - 28 de novembro, 2011

O desenvolvimento promete chegar rápido

- ▶ *Aeroporto de Cabo Frio passa a ser estratégico*
- ▶ *Santos prepara rodada de investimentos*
- ▶ *Parque tecnológico prevê laboratório e incubadora*



Ag. Petróbras

Brasil **Econômico**

EDITOR: LUCIANO FELTRIN lfeltrin@brasileconomico.com.br

GARGALOS DO PETRÓLEO

Santos enfrenta desafio de crescer

Maior beneficiada pela exploração de petróleo, cidade prepara rodada de investimentos pesados em infraestrutura, tecnologia e formação de mão de obra para absorver demanda

TEXTO MARCOS HADDAD NIERI



Desde o anúncio da descoberta das jazidas de petróleo e gás na região da Bacia de Santos, em 2006, a região sudeste do país, e em especial o estado de São Paulo, vem vivenciando ondas de otimismo, alavancando a expectativa de um futuro promissor. As estimativas da Petrobras apontam investimentos entre 2011 e 2015 no montante de US\$ 53,4 bilhões em projetos de exploração e produção do pré-sal, sendo que desse total, 90% será destinado à Bacia de Santos, em especial na Baixada Santista, sede da Unidade de Operações de Exploração e Produção da Bacia de Santos (UO-BS). Tal movimento não deixa dúvidas de que a região terá de se preparar cada vez mais para absorver os investimentos que serão realizados.

O pré-sal, área que se estende do estado do Espírito Santo ao de Santa Catarina, ocupa cerca de 149 mil quilômetros, sendo que desse total, boa parte está localizado na Bacia de Santos, com destaque para o trecho situado entre os estados de São Paulo e Rio de Janeiro.

O futuro da Baixada Santista começou a ser modificado em meados de 2005, quando o diretor de produção e exploração da Petrobras, Guilherme de Oliveira Estrella, convidou José Luiz Marcusso para desenvolver uma nova unidade de negócios, a então Unidade de Negócios da Bacia de Santos (UN-BS). Marcusso, que é o atual gerente geral da UO-BS, liderou então um grupo de 14 especialistas da Petrobras, envolvendo engenheiros, geólogos e geofísicos para elaborar o plano diretor que daria sustentabilidade ao novo projeto. Os resultados atuais superaram as expectativas que existiam naquela ocasião, lembra Marcusso. “A demanda de gás

Petrobras investirá US\$ 53,4 bilhões em projetos de exploração e produção do pré-sal, sendo que 90% será destinado à Bacia de Santos

ficou dentro do esperado, mas os resultados que estão sendo alcançados nos campos do pré-sal extrapolaram nossas estimativas”. As descobertas, ainda em 2006, das megareservas de petróleo localizadas no pré-sal, em especial no campo de Tupi, atual campo de Lula, no centro da Bacia de Santos, resultam, até agora, em investimentos que somaram R\$ 20 bilhões desde 2007, sedimentando o longo caminho que ainda há por vir.

Marcusso credits boa parcela do sucesso na implementação da UO-BS ao relacionamento maduro entre as três esferas do poder – municipal, estadual e federal. Além disso, considera também que a presença do Porto de Santos, o maior da América Latina e a presença próxima do polo petroquímico e siderúrgico de Cubatão agregam qualidades únicas à região que, conforme sua visão, poderá suportar o assédio de outras empresas, uma

vez que o grande desafio é a cadeia fornecedora de bens e serviços, conforme afirma o executivo da Petrobras.

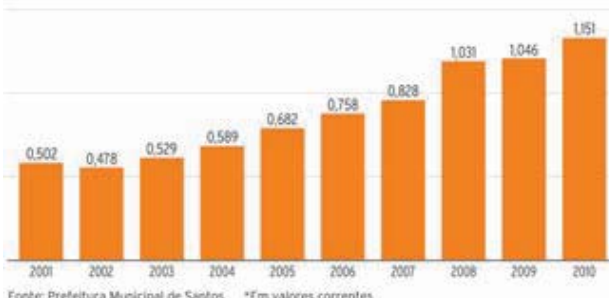
Estão previstos até 2017, quando se espera uma produção de 1,2 milhão de barris diários, a implantação na UO-BS de 17 sistemas definitivos. Desses, 16 serão somente na área do pré-sal, sendo cinco FPSO (navio-plataforma que produz e armazena petróleo) e ainda oito embarcações replicantes que terão papel de destaque na exploração de petróleo e gás.

Estão sendo produzidos cerca de 25 mil barris/dia de petróleo nos campos de Tiro e Sidon, a 200 quilômetros de Ilha Comprida (SP), sendo que para meados de 2012, a produção deverá chegar em 80 mil barris diários, na área da FPSO Cidade de Itajaí. Já o campo de Merluza, com o Projeto Lagosta, que teve sua produção iniciada em 2009, produz perto de 1,4 milhão de metros³ de gás natural, escoado para a Refinaria Presidente Bernardes, sediada em Cubatão (SP). Para absorver toda a demanda projetada, a Baixada Santista vem passando por mudanças em seu perfil socioeconômico, buscando alternativas para qualificar a mão de obra da região, tornando-a apta a atuar em um segmento exigente, além da realização de investimentos em tecnologia e infraestrutura em todos os seus municípios.

O início da construção da sede da UO-BS, em Santos, em setembro, foi um dos principais eventos que a cidade viveu em seu passado recente. O complexo da UO-BS, que terá três torres com 13 andares cada uma e capacidade para cerca de duas mil pessoas trabalharem em cada prédio, teve grande efeito psicológico em toda a cidade, pois o que até então eram comentários e expectativas, tornou-se de fato realidade.

PETRÓLEO EM ALTA

Óleo faz crescer arrecadação do tributo em Santos, em R\$ bilhão*



Fornecedor local acelera profissionalização para competir

É a forma mais eficiente que empreendedores encontraram para conseguir financiamento mais barato e apoio de agências de fomento

O profissionalismo também chega ao empreendedorismo. Segundo Jaime Shiguero Taka, secretário-executivo regional do Programa de Mobilização da Indústria Nacional de Petróleo e Gás Natural (Prominp), os empreendedores precisam ficar atentos a essa nova realidade. “As empresas que estão chegando para atuar na Bacia Santos precisam encontrar soluções locais, ou seja, fornecedores de produtos e serviços sediados na região. É uma questão de economia e de logística que abre um campo de oportunidades enorme para quem tem o que oferecer”. Na lista de negócios da rodada promovida pelo Sebrae/SP destacam-se os produtos e serviços nas áreas de tubulações, equipamentos de proteção individuais (EPI), ferramentas, bombas e instrumentos, entre outros. Serviços de usinagem, solda, fundição, montagens industriais e projetos de meio ambiente também têm papel de destaque nas demandas das empresas-âncora.

O apoio das agências de fomento tem papel relevante no processo de capacitação tecnológica e de mão de obra. A Agência de Fomento Paulista / Nossa Caixa Desenvolvimento vem apostando no mercado de petróleo e gás, firmando linhas de créditos para as pequenas e médias empresas que compõem a cadeia produtiva do setor. Com prazo de até seis anos para quitação, a instituição pretende colaborar no estímulo à geração de empregos e renda no estado de São Paulo. “Iremos financiar justamente as PMEs atuantes no setor de petróleo e gás para que possam se firmar no mercado e fortalecer a economia paulista”, afirma Milton Luiz Melo Santos, presidente da Agência de Fomento. Ainda de acordo com Santos, a Baixada passou a ter importância ainda maior no panorama econômico nacional, onde se tornou o centro de negócios da cadeia produtiva de petróleo e gás no Estado. A linha de crédito Petróleo & Gás Natural está disponível para empresas com faturamento entre R\$ 240 mil e R\$ 100 milhões, instaladas e com sede no estado de São Paulo.



“Iremos financiar justamente as PMEs que atuam no setor de petróleo e gás para que possam se firmar no mercado e fortalecer a economia paulista”

Milton Luiz Melo Santos
Presidente da Agência de Fomento Paulista

A taxa de juros é de 0,65% ao mês (mais IPC/Fipe) e prazo para pagamento de até 120 meses, com até 24 meses de carência.

Por sua vez, a Caixa Econômica Federal está participando ativamente do programa Progridir, lançado em junho passado pela Petrobras e que conta com a participação dos seis maiores bancos do país. O programa visa agilizar e incrementar a oferta de crédito para micros, pequenas e médias empresas que integram a cadeia de fornecedores da Petrobras. De acordo com Mauro Antonio Gonsales, gerente regional da Caixa, o banco já disponibilizou nos últimos quatro meses cerca de R\$ 8 milhões de créditos somente para as empresas localizadas na região da Baixada Santista, e lembra que essa linha é exclusiva para aquelas que já estão cadastradas junto à Petrobras. Para as demais empresas, existe disponibilidade de crédito em outras linhas, com recursos oriundos, por exemplo, do Fundo de Amparo ao Trabalhador (FAT) e do BNDES, onde a estatal atua como agente financeiro. Gonsales ainda lembra que dessas últimas linhas de créditos, foram repassados às empresas da região recursos da ordem de R\$ 40 milhões. Empenhada em ser ágil, a Caixa vem qualificando seu pessoal, de maneira a torná-lo menos burocrático e mais acessível, afinal para o gerente regional do banco, terão de ser criadas condições para que as empresas da Baixada Santista possam competir com os concorrentes. “Qualificação técnica e administrativa, recursos financeiros e capacitação de mão de obra estão na ordem do dia”, explica Gonsales.

Todavia, ainda pairam dúvidas em alguns segmentos da sociedade local sobre o grau de competitividade das empresas da região. Atualmente, a fatia que cabe às empresas da Baixada no fornecimento para a Petrobras, incluindo a Refinaria Presidente Bernardes, de Cubatão, é de apenas 5%, de um montante de cerca de R\$ 200 milhões anuais, números que indicam nuvens carregadas no horizonte de fornecedoras de suprimentos para embarcações e reparos navais. “A tecnologia exigida para fornecer serviços para a cadeia ainda é uma incógnita”, diz Taboada.

Economia de Santos, no litoral paulista, começa a gravitar em torno do petróleo

QUALIDADE DE CRÉDITO

Receita garante classificação

A agência de classificação de riscos Austin Rating confirmou recentemente a nota AA, atribuída em dezembro a Santos. A agência criou em 2006 uma metodologia para avaliar cidades baseada em dois principais conceitos: fatores qualitativos, como indicadores econômicos, sociais e políticos; e fatores quantitativos, baseados nas contas fiscais. Segundo a agência, Santos que detém o 5º melhor índice de desenvolvimento humano (IDH) do país, e o 3º do estado de São Paulo, conta, a longo prazo, com diversos fatores positivos que sustentam a nota atribuída, como, por exemplo, o cumprimento da Lei de Responsabilidade Fiscal; forte incremento da receita; baixo nível de endividamento; e, finalmente, os investimentos previstos pela Petrobras para a cidade. **M.H.N.**



Em construção, sede da UO-BS terá três torres e capacidade para cerca de 2 mil pessoas trabalharem em cada prédio



Não dê motivo para o seu carro se esconder.
Combustível, só Petrobras.

Combustíveis Petrobras. O sonho de consumo de todo carro.



www.petrobras.com.br/produtos

O DESAFIO É A NOSSA ENERGIA

O LEGADO DO ÓLEO

Novo parque tecnológico é esperança

Projeto, no qual serão aplicados R\$ 30 milhões, tem como principais objetivos estimular a competitividade

TEXTOS **MARCOS HADDAD NIERI**

O projeto do Parque Tecnológico de Santos traz audácia a uma região até há bem pouco tempo estagnada tecnologicamente, já que entre seus ideais contempla laboratórios estruturantes, incubadora de empresas, condomínio para pós-incubadas, rede de empresas que atuam na Bacia de Santos, arranjos produtivos locais e a rede de qualificação profissional. Estão previstos investimentos de R\$ 30 milhões em sua implementação e um dos principais objetivos é estimular a competitividade e o aumento da produtividade das empresas, incentivando a interação e colaboração entre as associadas, os institutos de pesquisas e as universidades. No alvo, projetos voltados ao porto, retroporto, logística, de-

envolvimento urbano e, obviamente, energia. A participação do Centro de Pesquisas e Desenvolvimento da Petrobras (Cenpes) em todo o processo também é apontada pelo prefeito de Santos, João Paulo Tavares Papa, como decisiva por todo o contexto que a envolve, pois se trata de um dos centros nacionais de referência científica.

Já em relação à capacitação profissional dos jovens da região, Papa acredita que, após a região esperar por décadas oportunidades de incremento social e econômico, aquelas criadas pela descoberta das jazidas no pré-sal têm de ser muito bem aproveitadas. “A instalação da cadeia de petróleo e gás não esperará ninguém e Santos nunca mais será a mesma”.

O bom momento vivido pela região ainda deverá ter outros desdobramentos, pois na opinião do prefeito de Santos, a cidade pode-

“
A instalação da cadeia de petróleo e gás não esperará ninguém e Santos nunca mais será a mesma

João Paulo Tavares Papa
Prefeito de Santos

rá se destacar e ter uma participação ativa nos próximos grandes eventos esportivos previstos para acontecerem no Brasil em 2014 e 2016, como a Copa e os Jogos Olímpicos. Papa, que é torcedor do Palmeiras, indica que os sucessivos craques que despontaram no Santos Futebol Clube nos últimos anos projetam a cidade ainda mais no mercado externo, trazendo um momento diferenciado. “A cidade vive um boom econômico e tem um time de sucesso que ajuda a divulgar seu nome ainda mais”, afirma. Ciente de que se trata de boa oportunidade, Papa está otimista com uma potencial escolha da cidade como uma das subsedes da Copa do Mundo. “Já usamos como argumento que a qualidade de vida da cidade, o histórico de sucesso do Santos e as boas condições do Centro de Treinamento do clube são fatores quase que naturais para que Santos seja escolhida uma das subsedes.”



para superar carências da região

e o aumento da produtividade das empresas. Centro de pesquisas da Petrobras integra programa

■ Volume que irá movimentar a implementação do Polo Tecnológico de Santos

R\$ 30 mi

Aproveitando oportunidades

Mostrando otimismo com os negócios que acontecerão na região, várias empresas participaram recentemente da Santos Offshore para fazer negócios. Foi o caso da Casa Simões, presente em Santos há mais de quarenta anos e especializada na venda de produtos derivados de borracha e de ferramentas em geral, que optou por participar da feira Santos Offshore.

“A pressão de nossos fornecedores, bem como a convicção de que só vendemos se mostrarmos a mercadoria, fez com que acreditássemos no momento econômico da região e investíssemos cerca de R\$ 100 mil em nossa participação”, avalia Álvaro Simões, sócio da empresa.

Simões aproveitou a ocasião para divulgar novos investimentos, desta vez, na construção de um novo prédio com uma área de 15 mil metros. “Estamos buscando um finan-

ciamento junto ao BNDES de R\$ 30 milhões, e esperamos concluir a nova sede em dois anos e meio. Quem não se preparar agora, em quatro anos estará fora do jogo”. A estimativa da empresa é de que esse investimento consolide um crescimento anual de 20% a 30% em seu faturamento, atualmente em torno de R\$ 2 milhões mensais. Todavia, segundo Luiz Gustavo Souza, responsável pela área de marketing da Casa Simões, a capacitação dos funcionários também é um diferencial. “Estamos investindo em parcerias com nossos principais fornecedores, de forma que certifiquem alguns de nossos funcionários”, projeta. A Casa Simões espera saltar de 80 para 100 funcionários no período.

A preocupação após a tragédia no Golfo do México, quando toneladas de petróleo foram despejadas nas águas do país, incrementou o mercado para as empresas que atuam em im-

plementação de programas ambientais junto a plataformas de petróleo. É o caso da Mineral, sediada em São Paulo e que prevê, a médio prazo, instalar um escritório em Santos.

Apesar de terem na Petrobras seu principal cliente — atualmente está envolvida no licenciamento de 12 plataformas —, a Mineral busca diversificar sua carteira de clientes de tal maneira a sustentar sua média de crescimento nos últimos anos, que foi em torno dos 40% anuais. Para este ano, Ricardo Simonson, sócio-proprietário, estima um faturamento de R\$ 10 milhões, com cerca de 60% desse montante oriundo de negócios realizados na Bacia de Santos. “Queremos ter um crescimento sustentável e consciente. Temos observado forte demanda pelas empresas em busca de projetos que tragam em seu conteúdo o monitoramento de parâmetros ambientais e de conteúdo voltado à educação ambiental”.

Outros estados produtores acirram disputa para atrair investimentos

Enquanto Santos e Rio de Janeiro investem em centros tecnológicos de ponta e atraem parcerias com empresas, Espírito Santo oferece estímulos fiscais

A corrida dos estados da região Sudeste para aproveitar ao máximo as oportunidades econômicas que vão ser geradas com o pré-sal incluiu o estímulo ao desenvolvimento tecnológico. Cidades como Rio de Janeiro e Santos investem em centros tecnológicos de ponta e atraem parcerias de empresas e universidades, enquanto o Espírito Santo oferece estímulos fiscais para aquisição de peças e equipamentos.

Entre as iniciativas para a evolução técnica na região, a que está em fase mais avançada de implantação é o Parque Tecnológico do Rio, na capital fluminense. Localizado em uma área de 350 mil metros², o projeto nasceu em 2003, mas como destaca o gerente de articulações corporativas do parque, Alfredo Laufer, teve forte impulso a partir de 2007, com as primeiras descobertas do pré-sal.

Instalado na Ilha da Cidade Universitária (Ilha do Fundão), reúne laboratórios, centros de excelência mantidos pela Coppe/UFRJ e empresas de base tecnológica que atuam nos setores de petróleo e gás, ener-

gia, meio ambiente e tecnologia da informação. Desde o ano passado, empresas multinacionais como a francesa Schlumberger e as americanas Baker Hughes e FMC Technologies instalaram centros de tecnologia no parque, voltados especialmente para os desafios do pré-sal.

A elas já se somaram a Halliburton e a Tearnis Confab que, há cerca de dois meses, venceram a concorrência para ocupação dos últimos espaços disponíveis as empresas EMC, BG e Siemens. Segundo Laufer, o interesse das empresas que chegaram por último no parque pela concorrência era tão grande que o valor das propostas foi multiplicado por sete.

As empresas, ao entrarem ali, têm o compromisso de investir no mínimo R\$ 3 milhões em pesquisa e desenvolvimento em parceria com a Universidade, o que significa um aporte total, segundo Laufer, de R\$ 30 milhões a cada ano.

Para que as empresas de menor porte também possam se beneficiar do projeto, será lançada uma Torre de Inovação, que vai abrigar cerca de 100 pequenas e médias empresas de diversos setores. As obras deve-

ráo estar concluídas até 2014 e a projeção é que, no parque como um todo, sejam investidos mais de R\$ 500 milhões, nos próximos três anos, em novas unidades de pesquisas. Hoje, são 14 empresas no parque, além de quatro laboratórios e centros de pesquisa.

Já o Espírito Santo, um dos mais importantes cenários do pré-sal, não tem iniciativas específicas de centros tecnológicos, mas conta com o Invest (Programa de Incentivo ao Investimento no Espírito Santo). O objetivo, segundo o governo do Estado, é estimular os investimentos e também a renovação das estruturas produtivas, além de possibilitar o aumento da competitividade das empresas.

Para estimular esses investimentos, o Estado acena com benefícios como diferimento de ICMS em operações de importação de máquinas e equipamentos. Como parte do programa, há o Invest Import, para estimular a implantação de distribuidores locais. Os benefícios, nesse caso, incluem diferimento do lançamento e pagamento do ICMS na importação de mercadorias para o momento em que ocorrer a saída interna do estabelecimento beneficiário para os centros de distribuição.

INFRAESTRUTURA



Privatizado em 2001, aeroporto teve aumento de 177% no volume transportado nos últimos cinco anos

Exploração do pré-sal eleva Cabo Frio a ponto estratégico

Cidade da turística Região dos Lagos, com 200 mil habitantes, assiste ao crescimento da movimentação de cargas e passageiros

TEXTO JAQUELINE FARID

O Aeroporto de Cabo Frio (RJ) começa a despontar como uma peça crucial na sofisticada engrenagem logística que está sendo construída em torno do pré-sal. Localizada na turística Região dos Lagos, com cerca de 200 mil habitantes, a cidade assiste ao crescimento da movimentação de cargas e passageiros, enquanto são planejadas obras de ampliação do pátio das aeronaves e a construção de um complexo logístico.

É crescente o uso do aeroporto, que conta com um posto aduaneiro, para as operações de importação de equipamentos das empresas do setor de petróleo e a ele têm se somado, mais recentemente, também as exportações. Ricardo Valentim de Azevedo, secretário de Indústria, Comércio, Trabalho e Pesca de Cabo Frio, diz que o total de importações no local já chegou a US\$ 600 milhões em 2011, ante um total de US\$ 500 milhões durante todo o ano passado.

A vocação do aeroporto como entreposto de exportação das empresas petrolíferas foi confirmada recentemente, quando a Transocean, empresa que atua na prospecção offshore no Brasil, enviou, em um avião

MD-11 cargueiro, 36 toneladas de equipamentos para Houston, no Texas (EUA). A expectativa do secretário é que as operações de comércio exterior, sobretudo importações, aumentem exponencialmente no aeroporto nos próximos anos.

Azevedo explica que os maiores aviões cargueiros em atividade no mundo, como o Antonov 124, têm passado com frequência pelo aeroporto, o que também tem elevado o movimento de passageiros. “Em 1999, ano da inauguração, o movimento total no local foi de 45 mil pessoas. Em 2010, chegou a 88 mil e em 2011, já somou 95 mil”.

Outro exemplo do crescimento do movimento local, sobretudo de executivos do setor de petróleo, é que já há dez helicópteros operando diariamente no aeroporto, com quatro viagens diárias, levando a um movimento de embarque e desembarque de 400 pessoas a cada dia. Serão realizados investimentos de R\$ 8 milhões para aumentar o pátio e ampliar a capacidade do aeroporto para 30 helicópteros a cada dia. A expectativa é que a obra de ampliação seja realizada ainda em 2011 e esteja concluída até o final do primeiro semestre do ano que vem.

Localizado a 85 quilômetros da cidade de

“

Em 1999, ano da inauguração, o movimento total no local foi de 45 mil pessoas. Em 2010, chegou a 88 mil

Ricardo Valentim de Azevedo
Secretário de Indústria, Comércio, Trabalho e Pesca de Cabo Frio

Macaé, que abriga grande parte dos escritórios de empresas de petróleo em atividade no Estado do Rio, o aeroporto deverá ganhar, em breve, a vizinhança de um complexo logístico. A prefeitura de Cabo Frio está criando, junto com o governo do Estado, um complexo logístico alfandegado que será instalado em uma área de 4 milhões de metros quadrados ao lado do aeroporto.

Segundo o secretário, ainda este ano o Estado deverá garantir a desapropriação da área, que pertence a uma empresa que decretou falência e, segundo ele, tinha um débito elevado com governo. A expectativa é de atração para o local de empresas ligadas ao setor de petróleo e gás que necessitam de uma área alfandegária para importar os equipamentos necessários à exploração e produção.

Boas perspectivas

Inaugurado em 1999, o aeroporto foi privatizado em 2001 e, desde então, está sob a administração da Costa do Sol Operadora Aeroportuária. Hoje, cerca de 80 empresas movimentam ali passageiros ou cargas. Segundo informações da administradora, houve aumento superior a 177% no volume e acima de 300% no valor em dólares das cargas processadas nos últimos cinco anos. Durante o período de 2005 a 2010, o terminal de cargas movimentou cerca de 61 mil toneladas, no valor aproximado de US\$ 2 bilhões, gerando R\$ 226,5 milhões em ICMS para o Estado do Rio de Janeiro.

No início de outubro, o Grupo Libra, operador na área de logística, comprou 60% da Costa do Sol, cuja concessão do aeroporto vai até o ano de 2023, com possibilidade de renovação a partir desse prazo. O objetivo do grupo é ampliar as atividades no setor de aeroportos e Cabo Frio, com sua localização estratégica e operações crescentes, que é um eficiente ponto de partida.